

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

GESTÃO DEMOCRÁTICA EM ESCOLAS DO CAMPO

Aluno: Cleiton José Santos Kloster

Orientador: Wilson João M. Alves

Curitiba, fevereiro de 2010.

INTRODUÇÃO

A questão agrária no Brasil nos dias de hoje é um reflexo das lutas dos povos do campo objetivados pela busca eminente pelo seu reconhecimento com uma identidade própria, levantando uma bandeira de igualdade, onde no peito bate um coração de um povo justo, trabalhador e que valoriza suas raízes.

O Brasil por ser um país que foi explorado desde que as primeiras botas portuguesas marcaram nossas areias, tem uma concepção de que aqueles que detêm maior poderio podem manipular a sociedade e principalmente as classes trabalhadoras, tanto do campo quanto das cidades. Essas classes oprimidas devem se engajar pela busca pelo seu espaço, movendo multidões que marcham ao mesmo passo onde o objetivo principal é a liberdade de pensamento e de opinião, pode dizer que isso seria uma ditadura mascarada de democracia, onde os maiores ditavam as regras e os mais fracos tinham apenas uma saída, obedecê-las.

A luta pelo campo não é de hoje, vem desde o 1592 quando o território brasileiro começou a ser ocupado, devemos tomar ciência que cada período de tempo essas lutas tenha uma manifestação diferente, manifestação essa impulsionada por uma forma de pressão por parte daqueles que mandavam na Colônia Portuguesa, e depois de alguns anos o já independente Brasil.

Com a organização dos povos do campo e projetos de reforma agrária, os mesmos foram ganhando respeito e reconhecimento, e a educação do campo e no campo também começava a dar os primeiros passos. Em 30 anos a educação que era de base elitista e militar que abrangia apenas os representantes das classes dominantes, passa a ser inclusiva e popular onde os menos favorecidos e oprimidos puderam ter a mesma oportunidade e sentar nas mesmas cadeiras e usar as mesmas mesas que a anos anteriores lhes era impedido.

A educação passou também por essa transformação, rompeu as correntes das elites e foi de encontro às bases democráticas e inclusivas, as

escolas deixaram de ser monastérios e passaram a ser espaços de discussões onde os alunos são os sujeitos da ação, norteando seu caminho embasado nas suas próprias opiniões e ações.

Queremos então com esse trabalho mostrar um pouco dessa trajetória de lutas dos povos do campo, da sociedade e da educação em busca do seu reconhecimento como classe social e que tem nas escolas um celeiro de cabeças pensante que podem modificar e devem modificar a sociedade em que vivemos. As escolas do campo, como o Colégio Estadual de Lagoa Seca, município de Candói-PR, que será visto no referido trabalho, também possui suas raízes e está buscando incansavelmente sua identidade como escola que trabalha com povo do campo, com quilombolas, com pessoas que vivem em situação social de risco, etc. não podemos de maneira alguma deixar de lado essas mazelas, devemos trabalhar em parceria com a comunidade local, valorizando suas ações e abrindo nossa escola para que a comunidade expresse suas idéias e opiniões. Ações simples como essa é a garantia de um passo a frente no caminho da igualdade social e na formação do sujeito, visto que as lutas sempre devem existir, mas objetivadas sempre pela sede de mudança e pelo rompimento de barreiras.

1-HISTÓRICO DA QUESTAO AGRÁRIA NO BRASIL

Historicamente as terras brasileiras foram invadidas e tomadas dos povos que aqui habitavam, foram tratadas como terra de ninguém, como se aqui existissem outros povos com culturas próprias. Com seu olhar capitalista, os portugueses viam essas terras como terras de pobre, uma terra a ser explorada, principalmente – o pau-brasil-, como comerciantes procuravam o que comercializar, não encontrando perderam interesse pela descoberta. Mas a ação dos franceses que desde os primeiros anos de descobrimento estabeleceram um tráfico intenso ao longo da costa brasileira, despertaram os portugueses para a possível perda da conquista. Assim, como Portugal

querendo garantir a posse dessas terras entendeu que era preciso colonizar, principalmente a costa brasileira, para possivelmente evitar invasões. Mas, esse era um empreendimento muito caro para Portugal arcar sozinho. Como solução que desobrigou Portugal gastos para garantir essa nova terra, foram criadas então as capitanias hereditárias.

Em 1592 os portugueses iniciaram o processo de ocupação territorial do Brasil. O novo território foi dividido em quinze capitanias hereditárias que foram concedidas a doze donatários, garantindo posse futuras dessas terras a seus herdeiros. Os capitães-mors administravam as capitanias hereditárias, tinham amplos poderes inclusive o de conceder as cartas acamarias, constituindo o primeiro instrumento de legitimação da propriedade territorial do Brasil.

Historicamente as sesmarias consistiam em lotes de terras abandonadas ou não cultivadas em Portugal, cedidas pelos reis a pessoas que quisessem cultivá-las, os sesmeiros.

No Brasil foram beneficiadas com a posse de terras pessoas que já tinham privilégios políticos e econômicos criando condições de existência dos grandes latifúndios e de mão de obra abundante e miserável, presente até hoje em nossa sociedade. Sem acesso a terra muito trabalhando rurais foram obrigados a trabalhar para os sesmeiros praticamente como escravos.

Durante o período entre a proclamação da independência até 1850, o sistema de sesmarias de vigorar. Sem uma legislação própria para a aquisição de terra, o que vigora é o sistema de posses. Esse sistema favorecia a todos os que conseguissem um pedaço de terra para ocupar, gerando insatisfação dos grandes proprietários que vêem seus privilégios sendo ameaçados. A elite dominante brasileira foi presenteada com a Lei de Terras de 1850, que veio de encontro aos seus interesses hegemônicos, instaurando o mercado como nova modalidade de acesso a terra. Assim, o acesso a terra fica possível apenas a quem tem como comprá-las, inviabilizando a aquisição de terra para a maioria da população

Sendo assim o problema agrário vai se constituindo no Brasil, um número cada vez maior de pessoas sem terras para plantar e viver.

"A luta pela terra é uma política que nasceu com o latifúndio. Portanto é fundamental distinguir a luta pela terra da luta pela reforma agrária. A luta pela terra é feita pelos trabalhadores e na luta pela Reforma Agrária participam diferentes instituições" (FERNANDES, 2005, p. 17)

Na realidade a diferenciação da luta pela terra da luta pela Reforma Agrária é fundamental, porque a primeira acontece independente da segunda. Todavia as duas são incentivadas. Durante séculos os camponeses desenvolveram a luta pela terra sem a existência do projeto de Reforma Agrária.

Em 1964, foi criado o Estatuto da Terra pela Lei 4.504, nos primeiros meses da ditadura militar. Essa lei para a reforma agrária foi elaborada para conter os camponeses que estavam articulados na luta pela terra e o medo das elites dominantes com possibilidade de uma revolução no Brasil, inspirada na Revolução Cubana. O Estatuto estabelecia a realização da reforma agrária e o desenvolvimento da agricultura, mas foi realizado apenas o desenvolvimento da agricultura, o desenvolvimento empresarial da agricultura.

A história dessa invasão e opressão, não ocorreu pacificamente, mas foi sempre marcada pela resistência e lutas dos índios, negros, escravos e camponeses. Essa luta se estende até hoje com a ação dos camponeses, brancos e negros, pela terra, pela reforma agrária e dos índios pela demarcação de terras.

1.1- A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Segundo Romanelli (2004), a história da educação brasileira retrata movimentos da sociedade estando historicamente a serviços dos grupos que detém o poder. Essa escola representou e representa a chegada da Companhia de Jesus no Brasil, os interesses da minoria que detém o poder. Só os donos de terras e senhores de engenho tinham o direito à educação, uma educação que nada tinha a ver com a realidade da colônia, buscando fazer da elite brasileira uma imitação da nobreza portuguesa. E foi com os olhos voltados para fora que caminhava, e ainda caminha a educação e a economia brasileira.

Quando a escola se torna realidade para toda a população, ela não era a mesma para todos. O acesso a escola não garantia o acesso ao conhecimento produzido e acumulado, historicamente pela humanidade esse conhecimento nunca foi igualmente socializado, sendo garantido apenas aos filhos da elite.

Para a grande maioria dos brasileiros foi oferecida uma escola pobre em uma estrutura física e conceitual desvinculada da realidade social vivida por seus alunos, dificultando uma leitura crítica do seu dia a dia numa tentativa de amortecer a grande maioria da população, dificultando possíveis mobilizações populares.

Hoje vemos que os filhos da elite nacional conseguem frequentar o ensino superior de qualidade, normalmente mantido pelo Estado, e de grande sua condição de elite inalterada. Aos outros filhos do Brasil, a grande maioria resta os cursos superiores pagos/particulares e, normalmente, de baixa qualidade, voltados em sua maioria, apenas para o mercado de trabalho e para a manutenção das desigualdades.

1.2-EDUCAÇÃO E MOVIMENTO SOCIAL

Com o desenvolvimento do capitalismo e as questões a eles atreladas, as questões relacionadas ao campo deixaram de existir. A educação do campo estava condenada a desaparecer. No início da década de 60 o movimento da sociedade organizada do campo estava ganhando força, mas rapidamente as idéias começaram a ir por água abaixo, visto que grandes homens que representavam esse movimento foram obrigados a se calar, visto que não tinha o aval dos militares.

Paulo Freire, ainda no exílio escreve o que se entende por alfabetizar:

O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo à margem concreta do analfabetismo mais que escrever e ler o que a " a asa é da ave", os alfabetizandos necessitam de um outro aprendizado de " escrever" a sua vida a de "ler" a sua realidade o que não será possível se não tomar a história nas mãos para, fazendo a, por ela serem feitos e refeitos (FREIRE, 1977).

Mesmo durante o regime militar brasileiro a sociedade se organiza, usando artifícios e tendo, principalmente, o apoio da igreja católica, que cria e organiza a CPT- Comissão Pastoral da Terra, que dava apoio aos movimentos sociais durante esse duro período.

FERNANDES (2005), disse que:

No começo dos anos 60, nasceram as primeiras Comunidades Eclesiais de Base- CEB. Na década de 70, elas existiam em todo País. O campo e a cidade são importantes centros onde as classes oprimidas encontram condições para organizar e lutar contras as injustiças sociais e lutando também por seus direitos. Em 1975 a CPT- Comissão Pastoral da Terra foi criada pela Igreja Católica com objetivo de trabalhar nas periferias das cidades e das comunidades rurais, a CPT foi a articuladora dos novos movimentos camponeses que insurgiram durante o regime militar. (FERNANDES,2005,)

Baseado nesse passado de lutas, foi se organizando no Rio Grande do Sul de 1979 a 1985, um movimento que se consolidou e se totalizou até os dias de hoje como símbolo das lutas das classes oprimidas pela busca pela terra- O MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-. Assim começa uma jornada histórica de lutas, sendo conhecido e reconhecido no mundo inteiro, tendo no momento político atual brasileiro fundamental importância para o desenvolvimento de suas diretrizes para o desenvolvimento da reforma agrária.

Cronologicamente o MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- se apresenta através de suas ações e lutas pela construção de uma verdadeira educação do campo: 1)- Em 1984 na cidade de Cascavel-PR, ocorre o primeiro encontro; 2)- Em 1985 o MST, realiza o seu primeiro Congresso em Curitiba-PR; 3)- Em julho de 1997 numa parceria inédita com diversas entidades como a UnB- Universidade de Brasília, UNICEF, CNBB, o I Encontro de Educadores da Reforma Agrária- I ENERA, em Brasília; 4)- Em julho de 1998, foi realizada em Luziânia-GO a I Conferencia Nacional: Por uma Educação Básica do Campo. “ Essa conferencia mostrou que somente é possível trabalhar *por uma educação básica do campo* vinculada ao processo de construção de um novo projeto de desenvolvimento para o campo e a garantia de que todo o povo tenha acesso à educação” (ROLLING, 1999); 5)- Em julho de 1998 realiza-se em Salvador-BA, o I Encontro Estadual por uma Educação Básica do Campo; 6)- De 1999 à 2002, são realizados os I ao IV Encontros do Fórum Estadual de Educação do Campo; 7)- Em 1999 acontece o I Encontro de Articulação Nacional em defesa da educação do campo, onde foram firmados cinco compromissos políticos: a) recuperação da soberania e da autonomia política; b)-compromisso com a solidariedade e exclusão da desigualdade social; c)- compromisso com o desenvolvimento através do

rompimento com o capital financeiro e com a condição desconfortável de economia periférica; d)- compromisso com a sustentabilidade; e) democracia ampla. 8)- Em 2003 foi realizada a Conferencia Estadual de Educação do Campo e Para o Semi-Árido; 9)- Em agosto de 2004, foi realizada a II Conferencia Nacional Por Uma Educação do Campo, em Luziânia-GO.

Na II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, os movimentos afirmam a educação e a escola do campo na esfera dos direitos humanos, direitos das pessoas e dos sujeitos sociais que vivem e trabalham no campo... ao lutarem para além do direito a escola, estão resgatando a dignidade dos sujeitos históricos, ao fazerem a luta no campo e do campo, lutam contra a expropriação da terra, a terra que lhes garanta sua reprodução e de sua família. Pelo direito de serem homens iguais, fazer-se humanamente homens, pela conquista dos direitos humanos, direito a terra, à saúde, e educação... em luta constante para romper com as " cercas do latifúndio, da ignorância e do capital". Luta que não se restringe apenas ao plano da produção, também ao plano das relações sociais por disputas de projetos de interesses opostos, onde camponeses e proprietários tem significados bem diferentes na história. Campo aberto de disputa de concepções de escola e formação (CARVALHO, M. 2003, p. 42).

Muitas dessas ações são elaboradas pelo Estado e por organizações não governamentais no sentido de " ajudar" o homem do campo a ser " gente", essas ações contribuem para dificultar qualquer possibilidade de organização e luta pelos seus direitos, criando uma ilusão que desviam seu olhar do problema real. Essas ações parecem mais uma mordaca, como vimos na Lei das Terras de 1850 ou o Estatuto de Terra em 1964 durante a ditadura militar, garantindo muita terra nas mãos de poucos, aumentando o lucro do latifúndio com o suor e a semi-escravidão do trabalhador.

Com a formação do MST e as discussões sobre a Educação do Campo, cria uma via de mão dupla que é instrumento de representação do homem do campo, devemos superar o modelo de desenvolvimento capitalista em que estamos imersos e seus efeitos na vida do homem do campo. Essa discussão não quer pensar ou criar alternativas ao capitalismo, mas sua ação visa a superação desse modelo cruel e a valorização dos trabalhadores que são realmente os que merecem a terra, pois conquistaram com sua luta e suor.

2- GESTÃO DEMOCRÁTICA EM ESCOLAS DO CAMPO

2.1.- PRINCIPAIS CONCEITOS QUE ENVOLVEM A GESTÃO

Assim sendo, devemos conhecer alguns termos que podem muito nos auxiliar na tentativa da valorização dos alunos e Para que consigamos organizar uma sociedade mais justa e humanitária, devemos dar nossa parcela de contribuição, sendo o homem o agente principal temos a obrigação enquanto escola de formar cidadãos preparados e capazes de enfrentar essa pressão por parte da sociedade capitalista e que tem sede de dinheiro e não valoriza o ser humano.

Nos dias atuais nossos alunos independentemente se forem oriundos do campo ou da cidade, precisam estar comprometidos com o social, buscando alternativas viáveis em médio e longo prazo, objetivando a construção desse modelo inclusivo de sociedade principalmente da escola pública e do reconhecimento das escolas do campo, criando assim uma identidade própria.

Por gestão podemos compreender que embora não seja possível encontrar uma definição universalmente para o conceito de gestão e, por outro lado, apesar deste ter evoluído muito ao longo do último século, existe algum consenso relativamente a que este deva incluir obrigatoriamente um conjunto de tarefas que procuram garantir a efetivação eficaz de todos os recursos disponibilizados pela organização afim de serem atingidos os objetivos pré-determinados.

Por outras palavras, cabe à gestão subsidiar o funcionamento das organizações através da tomada de decisões racionais e fundamentadas na recolha e tratamento de dados e informação relevante e, por essa via, contribuir para o seu desenvolvimento e para a satisfação dos interesses de todos os seus colaboradores e proprietários e para a satisfação de necessidades da sociedade em geral ou de um grupo em particular. Sendo o gestor alguém pertencente à organização e a quem compete a execução das

tarefas confiadas à gestão, torna-se agora mais fácil encontrar um conceito que o identifique.

Segundo o conceito clássico, desenvolvido por FAYOL diz que:

O gestor é definido pelas suas funções no interior da organização: é a pessoa a quem compete a interpretação dos objetivos propostos pela organização e atuar, através do planejamento, da organização, da liderança ou direção e do controle, a fim de atingir os referidos objetivos. Daqui se conclui que o gestor é alguém que desenvolve os planos estratégicos e operacionais que julga mais eficazes para atingir os objetivos propostos, concebe as estruturas e estabelecem as regras, políticas e procedimentos mais adequados aos planos desenvolvidos e, por fim, programam e coordena a execução dos planos através de um determinado tipo de comando (ou liderança) e de controle. (FAYOL, 2007).

A Gestão escolar pode ser definida por LUCK, como

[...] constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.(LUCK,2006).

A Gestão escolar é uma expressão relacionada à atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos socioeducacionais dos estabelecimentos de ensino orientados para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos. O que era uma administração e gestão centralizada transformou-se intensivamente em uma gestão descentralizada e vemos que todas as políticas educativas estão voltadas para maior autonomia das escolas, isto é, descentralizar a gestão financeira, gestão curricular, a gestão pedagógica propriamente dita, gestão de recursos humanos disponíveis etc. Além de exigir mais da educação e vinculá-la a setores sociais e econômicos, se ainda exige e que seja mais eficiente no aperfeiçoamento do processo educativo.

Analisando esse processo de participação e vínculo social, a gestão democrática segue os princípios básicos da democracia, porém a democracia é uma palavra que tem sua origem na Grécia Antiga (demo=povo e

kracia=governo). Este sistema de governo foi desenvolvido em Atenas (uma das principais cidades da Grécia Antiga). Embora tenha sido o berço da democracia, nem todos podiam participar nesta cidade. Mulheres, estrangeiros, escravos e crianças não participavam das decisões políticas da cidade. Portanto, esta forma antiga de democracia era bem limitada.

Há falta de clareza quanto ao conceito de gestão democrática, porque, tanto nos espaços formais da instituição, como nos espaços informais, percebe-se que há um consenso quanto ao desejo de participar das decisões. O consenso se rompe, no entanto, quando a questão é assumir as responsabilidades destas decisões, pois fica evidenciada a idéia de que quem assume as responsabilidades das decisões é a direção. É preciso conciliar democracia, liderança, autoridade, confiança e competência, na tentativa de administrar o trabalho de coordenação de tal forma que ele contemple as expectativas advindas dos vários segmentos da escola, tendo como eixo central nosso comprometimento profissional calcado na ética e na confiança que nos é depositado.

Um diretor define sua gestão como democrática, porque, segundo ele, permite que os integrantes da comunidade escolar opinem sobre as questões da escola, dando sugestões ou participando das deliberações; Um corpo docente que se divide ao definir a gestão da escola. Alguns, caracterizando-a como democrática, e outros, caracterizando-a como não democrática. Ambos os grupos argumentando a partir da possibilidade ou não de participação nas tomadas de decisão.

Percebemos que ainda há muito que evoluir para de fato chegarmos a ter verdadeiramente uma gestão democrática, a começar por mudar a sociedade. Cada um fazendo a sua parte através das nossas ações. Como disse Leonardo Boff (2001), " Nossa função é ajudar a identificar a verdadeira natureza. Não só com palavras nem apenas com conceitos. Mas mediante a própria vida e o modo de agir".

2.2- GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA

Organizar o trabalho pedagógico em escola pública não é uma tarefa fácil é algo abrangente, requer uma formação de boa qualidade além de exigir do gestor um trabalho coletivo que busque incessantemente a autonomia, liberdade, emancipação e a participação na construção do projeto político-pedagógico. Numa gestão democrática, o gestor precisará saber como trabalhar os conflitos e desencontros, deverá ter competência para buscar novas alternativas e que as mesmas atendam aos interesses da comunidade escolar, deverá compreender que a qualidade da escola dependerá da participação ativa de todos os membros, respeitando individualidade de cada um e buscando nos conhecimentos individuais novas fontes de enriquecer o trabalho coletivo.

A educação é o objeto de estudo da escola, ela é um instrumento primordial que viabiliza a prática da gestão democrática, pois seu papel é dirimir a filosofia, o pensamento, o comportamento e as relações humanas que os alunos necessitam para viver numa sociedade, pois dessa forma estarão aptos a construir uma visão sólida e crítica da realidade educativa, buscando alternativas coletivas para os problemas no âmbito social e escolar.

A organização do trabalho pedagógico é uma estratégia educacional para democratizar o processo ensino-aprendizagem, então é de suma relevância para um gestor implementar novas forma de administrar em que a comunicação e o diálogo estejam inseridos na prática pedagógica do docente. Cabe ao gestor assumir a liderança deste processo com competência técnica e política.

Ao assumir esse papel o gestor deve necessariamente buscar a articulação dos diferentes atores em torno de uma educação de qualidade, o que implica uma liderança democrática, capaz de interagir com todos os segmentos da comunidade escolar. A liderança do gestor requer uma formação pedagógica crítica e autônoma dos ideais neoliberais. Nesse sentido,

o objetivo é construir uma verdadeira educação com sensibilidade e também com destrezas para que se possa obter o máximo de contribuição e participação dos membros da comunidade. A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporcionar um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica das relações da escola com a comunidade, e favorece uma aproximação maior entre professores, alunos e pais.

A escola precisa ter liderança de um gestor comprometido com a qualidade da educação e com as transformações sociais que possibilite avançar o aluno nos mais variados aspectos: social, político, intelectual e humano. Organizar o trabalho pedagógico requer enfrentar contradições oriundas das diversas realidades que se encontram numa escola pública, daí a necessidade da escola educar para a democracia, e essa tendência pedagógica deverá ser observada ao longo dessa labuta.

Há pouco tempo, o modelo de gestão escolar se configurava num diretor autoritário e submisso aos órgãos centrais e sua função se restringia a de administrador de determinações estabelecidas pelas instâncias superiores. O processo de autonomia da escola se deu a partir da década de oitenta quando tomou posse os primeiros governantes eleitos pelo voto direto. A partir daí a discursam por uma educação democrática ganhou amplitude e vários movimentos começaram a incentivar a luta por uma escola participativa, autônoma e de qualidade.

2.3- GESTÃO DEMOCRÁTICA EM ESCOLAS DO CAMPO

Com o avanço do processo de gestão democrática e também com o enfoque mais direcionado a escolas do campo e seus freqüentadores, diversas ações foram tomadas com relação a valorização das escolas do campo e a legalidade e sua deliberação, podemos ver que a LDB de 1996

reconhece, em seus arts. 3º, 23, 27 e 61, a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença. Em 2001, foi promulgado o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), o qual, estabelece entre suas diretrizes o “tratamento diferenciado para a escola rural”. Outro importante passo foi a criação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, aprovadas em 2001 pelo Conselho Nacional de Educação, sacramentam as questões de especificidade da Educação do Campo. A Resolução de n. 02, de 28 de abril de 2008, chamada de Diretrizes Complementares, disciplina os sistemas no cumprimento de questões estruturais para a viabilização da Educação do Campo. Os dispositivos legais que foram apresentados, em sua maioria, apontam para a democratização da educação do campo, pois foram elementos conquistados pelos movimentos sociais do campo organizados, principalmente em torno da Articulação Nacional.

ARROYO (2006) , diz que:

Por onde construir, enraizar positivamente a construção de um sistema de educação do campo e da escola do campo? A escola do campo, o sistema educativo se afirmará na medida em que se entrelacem com a própria organização dos povos do campo, com relações de proximidade inerentes à produção camponesa- a vizinhança, as famílias, os grupos, enraizar-se e aproximar as formas de vida centrada no grupo, na articulação entre as formas de produzir a vida. (ARROYO, 2006, p. 114).

As características próprias da escola do campo propiciam uma maior convivência com as formas organizativas da vida produtiva, cultural, religiosa e política do campo. Com isso, a gestão democrática inclui a possibilidade de o professor participar das reuniões comunitárias e abrigar, na escola, assembléias gerais da comunidade. Desta forma, a escola pode se tornar um espaço para encontros da comunidade e dos movimentos sociais como uma das formas de estímulo à participação de todos na vida escolar.

Entre algumas ações que reforçam a possibilidade da construção de uma gestão democrática em escolas do campo podemos citar:

- O envolvimento da comunidade escolar em eventos pedagógicos, culturais, sociais, etc;

- Associar a escola como espaço de desenvolvimento da comunidade local, tendo a escola como parceira formando um planejamento integrado.
- Construção coletiva do PPP, valorizando sempre as características locais do alunado, criando uma identidade do aluno e da escola do campo.
- Propor ações que consolidem a educação do campo.
- Valorizar o campo como local de moradia fixa, não como local de temporário e de falta de recursos.
- Valorizar a agricultura familiar, o desenvolvimento sustentável e a agroecologia.
- Garantir uma educação do campo com qualidade, conhecendo o campo e suas características, como princípio norteador de nossas ações.
- Propor uma maneira de gestão participativa, com abertura para que os pais possam definir as ações a serem desenvolvidas pela escola, como princípio para a formação da sociedade justa e humanitária que tanto sonhamos.

Segundo Arroyo (2005) a educação pode se tornar agente de não-expulsão, vale reafirmar o papel da gestão democrática e dos conselhos escolares também na fixação do homem no campo.

FREIRE(1999), diz que :

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. "Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós, que é o de assumir esse país democraticamente." (PAULO FREIRE, 1999, p. 56).

3. ANÁLISE EMPÍRICA DO COLÉGIO ESTADUAL DE LAGOA SECA- MUNICÍPIO DE CANDÓI-PR E SUAS RELAÇÕES COM A COMUNIDADE LOCAL

3.1. APRESENTAÇÃO

O Colégio Estadual de Lagoa Seca ensino médio e fundamental, está situado na localidade de Lagoa Seca, município de Candói-Pr, localizado na avenida Alfredo Scherem, s/n, possui hoje 320 alunos distribuídos em ensino médio e fundamental e em dois turnos de trabalho (manhã e tarde).

A equipe de profissionais é composta por 17 professores, sendo que 11 são professores efetivos e 06 são temporários, dessa totalidade todos possuem curso superior e a maioria é especialista. A grande parte desses profissionais reside em outras cidades e apenas dois desses são da localidade. Outro fator que merece destaque é que desde o ano de 2007 a equipe de professores não sofreu muita alteração, o que se caracteriza pela garantia da continuidade do trabalho, sendo que muito do que é planejado é cumprido. É importante ressaltar que a comunidade local, pais e membros de entidades que fazem parte da área de abrangência da escola conhecem os professores e mantém relações estreitas com a escola, mesmo a maioria residindo longe da escola.

Mesmo sendo classificada como escola do campo, e mesma está localizada num pequeno bolsão urbano com aproximadamente 1.500 habitantes, sendo que na sua totalidade apresentam raízes do campo, pois suas atividades econômicas estão vinculadas ao campo, variando entre trabalhadores dos grandes latifúndios que dominam a região ou trabalhadores temporários que recebem por seu trabalho diário em pequenas propriedades ou na agricultura de subsistência. Esse vilarejo é muito pobre, possui apenas uma rua pavimentada, sem saneamento básico e a água potável chegou no ano de 2007. As mazelas sociais sofrem pelo poder da opressão capitalista como diz o geógrafo Milton Santos (1978), onde o moderno e o medieval convivem lado a lado.

O Colégio Estadual de Lagoa Seca possui instalações físicas adequadas para atender a demanda do alunado, com 07 salas de aulas, biblioteca, laboratório de informática do Paraná Digital, Quadra de Esportes, refeitório, sala de professores, secretaria, banheiros e rampas para portadores de necessidades especiais, procuramos oportunizar uma escola com condições para atender a todos. GADOTTI (1988) diz que a escola é um local aberto e democrático e que deve socializar os fatos na formação da cidadania.

Como já percebemos a grande maioria de nossos alunos são oriundos da área rural, devido á grande dimensão territorial do município de Candói-Pr, com 1.512 km², e a localidade de Lagoa Seca representa 40 % de toda essa área a maioria dos nossos alunos percorre grandes distâncias até chegarem a escola, alguns até 110 quilômetros entre ida e volta. Os mesmos se deslocam por estradas não pavimentadas e que em períodos de chuvas ficam impossibilitados de freqüentarem as aulas. O transporte de algumas das 11 pequenas vilas que fazem parte da área de abrangência da escola é precário, os ônibus estão sem condições de uso e é freqüente os problemas mecânicos.

O alunado atendido além de estudar, os mesmos desenvolvem outras atividades que servem para contribuir com a renda familiar, essas atividades são efetivas e temporárias, pois possuímos alunos que já possuem carteira de trabalho assinada em grandes fazendas e em contrapartida outros que auxiliam na complementação da renda familiar com seu trabalho na própria terra, ou seja, essa parcela faz parte da agricultura familiar ou na agricultura de subsistência, pois a maioria deles planta apenas para seu consumo e o pouco que sobra é comercializado entre os moradores ou em pequenas casas comerciais, nos dias atuais podemos perceber que ainda existe essa troca de produtos e que nos faz voltar na idade média, numa fase econômica improvável para o mundo moderno capitalista atual.

3.2. AS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE

O Colégio Estadual de Lagoa Seca, está inserido num bolsão de pobreza, onde o IDH é muito baixo e é totalmente esquecida pela administração pública municipal, sendo que as solicitações feitas a prefeitura municipal dificilmente são atendidas, contrariando totalmente o slogan municipal “ A força que vem do interior”. A força é do povo, do trabalhador rural, que vive no campo e que honestamente contribui para o crescimento econômico regional, mas que não tem assistência nenhuma, ficando isolados sem estradas adequadas, sem atendimento médico decente e o mais impressionante é que possuímos 02 vereadores eleitos na comunidade.

As relações entre escola e comunidade local é muito boa, visto que a escola é um ícone na comunidade, toda a comunidade vive em relação a escola, principalmente o comércio local, visto que diversas pessoas aproveitam o transporte escolar para adquirirem produtos alimentícios, agropecuários e de construção. Se o transporte escolar não existisse essas pessoas ficariam impossibilitadas de irem até comunidade e teriam muitas dificuldades para suprir suas necessidades. A escola é o único espaço onde a comunidade se reúne, são cedidas salas para reuniões, a quadra de esportes para eventos e até o uso do laboratório de informática.

Outro aspecto importante é que a comunidade valoriza as ações desenvolvidas pela escola, participando efetivamente de reuniões de pais, eventos culturais e esportivos, etc. Ocasionalmente assim numa relação de parceria e colaboração entre ambas.

Para que realmente exista uma relação aberta entre comunidade e escola, devemos sempre estar preparados para ouvir as solicitações dos pais dos alunos, visto que para que haja uma abertura devemos ouvi-los, procurando atendê-los e valorizar suas idéias, críticas e sugestões. Objetivando a participação dos pais no sentido da construção do processo de participação democrático.

A comunidade só tem a crescer se a mesma for valorizada e reconhecida perante as instâncias local, regional e global. Uma comunidade fortalecida é garantia de continuidade de seu crescimento, pois ela tem muita força e representa diversas pessoas, mas essa busca deve ser contemplada pela união de todos, com objetivos coletivos e sociais, deixando de lado as individualidades e os interesses próprios. Outro aspecto importante é a formação adequada dessas pessoas, preparando as mesmas para a sociedade que hoje é muito manipuladora.

A educação do campo vem a diversos anos buscando seu reconhecimento, muitas lutas foram travadas e só quem teve a ganhar foi a população do campo, sua inserção como classe social foi propiciada pelo suor dos camponeses e pela insistência de seus líderes.

As escolas do campo trabalham com essa mesma metodologia, não sendo muito diferentes, os alunos primeiramente devem lutar pelo que é mais precioso para eles que é a sua identidade de povo do campo, que traz consigo suas raízes e busca seu valor e reconhecimento.

Sua formação depende de ações articuladas entre a escola/comunidade/campo, desmistificando a imagem de população atrasada e sem maiores perspectivas.

Nossa função como educador é além de tudo isso, devemos nos preocupar com o futuro de nossa clientela, sua formação enquanto sujeito modelador da sociedade, oportunizar a eles condições para que os mesmos tenham um futuro digno no campo. Se contrapondo aqueles que deixam seu pedaço de terra e marcham desesperados em direção a periferias das cidades, se iludindo com falsas promessas ou simplesmente por falta de conhecimento da realidade das cidades, e acabam por constituir uma legião de favelados que ano após ano incham as cidades e infelizmente contribuem para estatísticas de pobreza, violência, prostituição, desempregados, etc.

O Colégio Estadual de Lagoa Seca, trabalha na valorização desse povo oriundo do campo, na garantia da continuidade do processo ensino-aprendizagem, mostrando que tudo que é visto em sala de aula é aplicado no

seu dia a dia. Sabemos que os alunos são atraídos por oportunidades de trabalho ou exploração de seu trabalho em cidades ou estados vizinhos, o que nos deixa preocupados com os índices de evasão, isso ocorre mais nos alunos que vivem na localidade da Lagoa Seca, pois nessa localidade não existe nenhuma indústria, o que emprega nessa localidade é um posto de combustível, uma lanchonete e uma loja de material de construção. Parece até irônico, mas é muito pouco para um exército de jovens e adultos que vivem na localidade. Devemos então oportunizar a continuidade dos estudos aos nossos alunos, mostrando essa realidade da falta de trabalho, dos sub-empregos que desvalorizam a mão de obra e que visam apenas o lucro do empregador.

Do ano de 2005 até o ano de 2009, concluíram ou irão concluir o ensino médio 71 alunos, desse total 27 estão cursando, já concluíram ou irão ingressar no ensino superior, sejam em universidades públicas ou privadas, o que nos resta esperar é se esses alunos filhos da terra, irão retornar para o campo depois de formados ou vão migrar como na maioria das vezes para as cidades.

Na área administrativa da Lagoa Seca, onde o Colégio está localizado recebemos também alunos oriundos de comunidades quilombolas, o que mostra a diversidade de alunos que freqüentam esse estabelecimento de ensino.

São duas comunidades quilombolas atendidas, mas o fator determinante entre elas são as diferenças gritantes entre ambas, cabe ressaltar que as comunidades são vizinhas, mas essa proximidade não garante igualdade de condições, uma dessas comunidades está bem organizada, possui estatuto de constituição de entidade sem fins lucrativos, CNPJ, registro em cartório, possui um líder, tem equipamentos agrícolas (trator, plantadeira), entrega frutas, hortaliças e legumes para a escola em convênio com a CONAB, em contrapartida a outra comunidade está muito atrasada apesar de ter mais de 40 anos de existência, não possuem nenhum tipo de documento da terra, não possuem água encanada, não possuem água potável, o esgoto é a céu aberto, a luz elétrica esse ano que foi instalada, a população é de 70 pessoas, nenhuma delas é empregada, suas terras são imprestáveis, não produzem

nada, o terreno é pedregoso, os programas sociais e os beneficiários do INSS são os que garantem a renda desse povo.

Somando o numero de alunos das duas comunidades que são atendidas pelo Colégio Estadual de Lagoa Seca, chegam á 19 que estão distribuídos em ensino médio e fundamental, devemos oportunizar a eles o respeito as suas origens, procurando resgatar suas tradições, apesar das imposições da sociedades, temos consciência que esses alunos sofrem o reflexo desse processo, a valorização de sua cultura, de sua cor, da sua raça é a saída para essas pessoas e a escola está de esforçando para que isso mude. Atualmente estão sendo feitos trabalhos nessas duas comunidades, através de visitas, palestras com médicos, assistentes sociais, etc, grupos teatrais, musica, entre outros, com o objetivo de estreitar as relações com a escola, levando a escola e os professores para dentro dessas comunidades.

O que nos deixa preocupados é a falta de ação dos órgãos governamentais, ignorando os problemas como a ausência de água encanada, por exemplo, numa comunidade que fica a 100 metros da rodovia mais movimentada do interior do estado e que a mais de 40 anos existe naquele mesmo local. Os remanescentes quilombolas sempre viveram ali, hoje estão isolados da sociedade, esse grupo de pessoas contribuiu para a formação de nossa raça e hoje é uma parte viva da história de nosso pais, mas infelizmente não sabemos mais por quanto tempo permanecerão no campo, ou se dentro de mais alguns anos vão deixar de lado suas terras e irão fazer parte das mazelas rurais que hoje estão nas cidades.

ARROYO (2004), diz que:

" A terra é mais do que a terra...a produção é mais que a produção. Porque ela produz a gente. A cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É cultivo do ser humano. É o processo em que ele se constitui sujeito cultural. Por isso não separa produção de educação, não separem produção de escola". ARROYO, 2004. Pag.76-77.

CALDART (2004), analisando também as relações entre os alunos da escolas do campo, cita que:

“ Toda criança na escola!, Lugar de criança é na escola!. É verdade em parte. Lugar de criança é na família, no trabalho, na luta pela terra e na escola. Coitadas das crianças se o lugar deles fosse apenas a escola. Lugar de criança não é apenas na escola, porque não podemos supor que se educa na escola. Que escola é essa, uma escola de luta vinculada ao trabalho, da cultura, da produção, vinculada á luta pela terra, ao projeto popular de desenvolvimento do campo. Nossa missão é recuperar os vínculos entre educação e terra, trabalho, produção, vida, cotidiano de existência. Eis o que é o processo educativo” CALDART, 2004, pag. 77

O Colégio Estadual de Lagoa Seca, juntamente com suas instancias colegiadas, como Conselho Escolar, APMF, Grêmio Estudantil, etc, mostra bastante vontade e interesse em trabalhar em parceria com a comunidade. Sabemos das dificuldades, mas precisamos mostrar para eles que a escola desempenha uma função maior do que a comunidade imagina. Não fica apenas restrito ao trabalho pedagógico, no modelo de educação que vivemos hoje, o processo pedagógico associa-se ao um modelo social, inclusivo e assistencialista. Obviamente a formação desses alunos é visto como uma saída para enfrentar as garras do modelo imperialista que somos obrigados a conviver. Sabemos também que as pressões que sofremos hoje das classes dominantes faz com que as classes menos favorecidas se curvem aos seus interesses, nos como educadores devemos então mostrar essa realidade a nossa clientela para que os mesmos possam caminhar com passos firmes e largos em direção a um horizonte que vai ser moldado por ele próprio. Mas essa caminhada não pode ser solitária, pois um soldado só não combate, essa caminhada deve ser unificada por todos aqueles que querem e precisam da mudança, pois somente assim poderemos destruir nosso inimigo e valorizar as pessoas que realmente habitam e cultivam a terra.

CONCLUSÃO

Pudemos verificar que o presente trabalho expressa de uma forma sintetizada o movimento de lutas do homem pela terra, e pela formação de uma sociedade justa e menos excludentes, onde a terra é o seu berço de origem e hoje de vida, sabemos que pela opressão dos dominantes muitos deixam seu berço e partem em busca de novas oportunidades de trabalho e de vivencia.

O Brasil é reflexo disso a mais de quinhentos anos, e ainda não conseguiu totalmente se libertar das amarras impostas pelos seus colonizadores até vai até dos dias de hoje onde os colonizadores são substituídos pelos colaboradores, ou de uma forma mais direta investidores transnacionais, banqueiros, FMI, Banco Mundial, entre tantos outros oportunistas.

A educação é a chave para a mudança, a formação de uma sociedade preparada, bem instruída e não manipulável dá-se pela instrução crítica do alunado, independentemente onde nossa escola esteja localizada, pois o aluno do campo e também da cidade para a sociedade capitalista é a mesmo sujeito, o que difere ele é a sua capacidade de se desvincular da pressão imposta pela própria sociedade.

Quando estudamos as lutas que os povos do campo travaram contra as oligarquias dominantes, notamos que o suor que derramou de suas faces foi objetivado pela incessível busca pela sua terra, que é e sempre será o berço de suas batalhas.

As escolas dos dias atuais, devem sempre buscar formar sujeitos críticos e com condições de se desvincular do modelo imperialista de sociedade, as escolas do campo devem enfocar uma educação para o campo, onde o campo é um lugar sagrado, que deve ser valorizado e trabalhado. O que queremos é que esse exército de pessoas não se cale, pois pessoas caladas e que não possuem uma identidade própria, não tem capacidade de construir um caminho único, sabemos então que nossa missão como educador é difícil, pois pelas nossas mãos passam a cada segundo um número

incontável de alunos e que se passarem despercebidos e não moldados, serão para a sociedade como uma folha branca que será facilmente riscada, amassada e descartada.

4- REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Luis Gilberto. **Educação no campo**: recortes no tempo e no espaço. Campinas, SP:Anhanguera Educacional, 2009.

ARROYO, Miguel, CALDART, Roseli Salete, MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes,2005.

FERNANDES, F. (1973). **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro, RJ : Jorge Zahar, 1973.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo, SP. Cortez Editora, 2005.

SAVIANI, Demerval. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP: Editora Autores Associados Ltda, 2007.